

JARDINAR A CIDADE: a importância da Extensão Universitária na transformação e criação da paisagem

Alice Garcia Vasconcelos Castro¹

Júnia Maria da Fonseca Penna²

RESUMO

Este artigo é originado do projeto "Miradouro: um olhar sobre a arte contemporânea no contexto urbano" da Escola Guignard - UEMG, que explora a importância das áreas verdes nas cidades e enfatiza a paisagem-jardim como um ambiente de criação e expressão artística. O texto destaca como a pesquisa e a prática da extensão acadêmica contribuíram para aprofundar entendimentos sobre a relação entre o indivíduo e a construção da paisagem urbana. Dessa forma, discorre sobre a ideia de jardim na contemporaneidade, apresentando exemplos de propostas artísticas que dialogam com essa temática. Além disso, aborda duas iniciativas extensionistas que surgiram a partir dessa reflexão, proporcionando a interação entre arte, natureza e urbanidade.

Palavras-chave: paisagem; jardim; oficina; pesquisa; extensão.

GARDENING THE CITY: the importance of University Extension in the transformation and creation of the landscape

ABSTRACT

This article originates from the project "Miradouro: um olhar sobre a arte contemporânea no contexto urbano" da Escola Guignard - UEMG, which explores the importance of green spaces in cities and emphasizes the garden-landscape as a space for artistic creation and expression. The text highlights how the practice of academic outreach contributed to a deeper understanding of the relationship between the individual and the construction of the urban landscape. In this way, it discusses the concept of the garden in contemporary times, presenting examples of artistic proposals that engage with this theme. Furthermore, it addresses two outreach initiatives that emerged from this reflection, showcasing the interaction between art, nature, and urbanity.

Keywords: landscape; garden; workshop; research; outreach.

¹ Alice Garcia Vasconcelos Castro, acadêmica do 6º período do curso de Artes Plásticas - Bacharelado, da Escola Guignard, Universidade do Estado de Minas Gerais. Artigo desenvolvido com o apoio da bolsa de pesquisa do projeto "Miradouro: um olhar sobre a arte contemporânea no contexto urbano", desenvolvido com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, Edital FAPEMIG 09/2022, Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG. Email: alice.0393763@discente.uemg.br.

² Júnia Maria da Fonseca Penna, professora do Departamento de Artes Plásticas da Escola Guignard - UEMG. A pesquisa conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG por meio da Bolsa de Incentivo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico para o Pesquisador Público Estadual – BIPDT, CHAMADA FAPEMIG 15/2023 e do Edital FAPEMIG 09/2022, Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG e Unimontes. Email: junia.penna@uemg.br.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre os desafios do crescimento desordenado das cidades e a falta de áreas verdes, além de buscar caminhos para um processo de urbanização mais equilibrado, é essencial para garantir um futuro melhor para as áreas urbanas e seus residentes. Diversos campos de pesquisa têm se dedicado a encontrar alternativas viáveis e sustentáveis para essa situação. Na arte contemporânea, a análise dessas questões e a crítica à vida urbana têm se tornado cada vez mais evidentes nas produções artísticas, que buscam aumentar a conscientização ambiental e contribuir para possíveis mudanças.

É relevante reconhecer que o espaço urbano é um centro de interações, contato e conflito com a diversidade, já que abriga pessoas de origens diversas que trazem consigo conhecimentos, crenças e modos específicos de ver a vida. Essas diferentes vivências são responsáveis pela pluralidade de relações que se estabelecem com o espaço; sobretudo, destaca-se a diversidade de interações com a natureza presente nas cidades. No contexto de convivência entre o humano e o verde, o diálogo entre os saberes tradicionais e as novas tecnologias cria uma rede de experiências, conhecimentos e resistência. Saberes surgem, chegam e se associam por meio de fluxos que emergem de conhecimentos prévios, científicos, empíricos, geracionais e virtuais. Assim, aparece a necessidade de se estudar a relação entre o humano e o ambiente natural, os seres e os fluxos que o compõem. Nesse sentido,

[...] etnoecologia é o estudo das interações entre a humanidade e o resto da ecosfera, através da busca da compreensão dos sentimentos, comportamentos, conhecimentos e crenças a respeito da natureza, característicos de uma espécie biológica (*Homo sapiens*) altamente polimórfica, fenotipicamente plástica e ontogeneticamente dinâmica (Marques, 2001, p. 49).

Entre as inúmeras formas de se explorar a etnoecologia, na arte encontra-se o estudo da paisagem, o entendimento da relação particular entre indivíduo e ambiente e a análise de lugares que podem ser fomentadores de expressões e criações. Desse modo, as atividades extensionistas apresentam-se como um interessante meio para vivenciar e mapear essa rede de experiências, histórias e memórias diversas. O fazer artístico que envolve a coletividade conecta saberes e espaços e serve como base para criação e aplicação de conceitos estudados.

JARDINS: UM RECORTE DA PAISAGEM

O projeto "Miradouro: um olhar sobre a arte contemporânea no contexto urbano", desenvolvido no âmbito da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais, tem

como foco compreender proposições artísticas voltadas para questões ambientais que permeiam as cidades. A pesquisa se desenvolve na leitura de bibliografias específicas que abordam diversas áreas do conhecimento como a arquitetura, a filosofia e a geografia, por meio da caminhada urbana, pelo levantamento de artistas e exposições contemporâneas sobre o tema, bem como propõe práticas de cunho extensionistas. No percurso, foi crucial explorar a interação entre o indivíduo e o ambiente urbano, assim como o papel desse sujeito no contexto e na vida cotidiana das cidades. Nesse sentido, buscamos compreender a paisagem urbana como um acontecimento, o que implica reconhecer que ela resulta da interação entre várias formas, memórias e experiências que moldam uma determinada atmosfera. Assim, o indivíduo faz parte da paisagem, o que torna essa experiência uma troca dinâmica e uma composição do meio.

O geógrafo Augustin Berque afirma que: “A paisagem não reside nem somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos [...]. E é à própria complexidade deste cruzamento que se apegam o estudo da paisagem” (Berque *apud* Bartalini, 2021, p. 94). O termo interação complexa pode ser compreendido como as diversas camadas que envolvem a paisagem, visíveis como formas e objetos, e invisíveis como memórias afetivas, experiências pessoais, histórias, transformações do ambiente e até projeções futuras. Além disso, a paisagem pertence ao campo do sensível e afeta os seres por meio de cheiros, sons, cores, sabores, movimentos e sensações, o que a torna uma experiência corpórea, além de apenas visual.

Durante o estudo sobre a paisagem, o jardim mostrou-se como um potente lugar para aprofundar entendimentos e explorar os fazeres artísticos que surgem a partir da criação, interação e desenvolvimento desse espaço. O ambiente jardim é um fragmento da cidade, um intervalo que suaviza a agitação da vida contemporânea. Uma pequena paisagem, delimitada pelo seu entorno, que oferece uma pausa no cotidiano, ao criar sua própria temporalidade. Neste texto, levando em conta o contexto urbano, o jardim apresenta-se tanto como um local de encontro e convivência quanto como um ambiente para expressões artísticas e manifestações culturais e sociais. Pensando na singularidade do jardim pode-se aproximá-lo à ideia de quintal:

[...] quanto à extensão, variável ao extremo, o quintal é o terreno livre, que sobrou da construção da casa, em geral dos fundos, em certos casos dos dois lados dela e adjacente à rua. Em parte utilitário, prolonga, a céu aberto, o interior da casa: tem o seu tanto de horta, o seu tanto de jardim e o seu tanto de pomar – podendo também funcionar como saguão ou pátio – sem que de qualquer dessas funções, em conjunto ou isoladamente, receba identidade, porque também abriga serviços e coisas que não caberiam no âmbito doméstico (Nunes, 1994, p. 262).

Na contemporaneidade, devido à contração dos espaços destinados à moradia, esse quintal-jardim pode se reduzir a corredores, canteiros e janelas destinados à dedicação com

plantas. É curioso compreender as simbologias desses lugares, no âmbito da criação de relações entre humanos, vegetais, animais e ainda na esfera das crenças e misticismos. Os jardins também podem aproximar comunidades, possibilitando troca de saberes específicos. Cuidar de um jardim é cuidar e participar de todo seu ecossistema e fluxos que envolvem outras espécies de vida além das plantas. Além disso, existem rituais e crenças que permeiam as práticas do cultivo, da cura espiritual e física, sendo a gratidão à terra um sentimento desenvolvido e perpetuado por gerações.

OBRAS ARTÍSTICAS COMO VETOR PARA PRÁTICAS EXTENSIONISTAS

A pesquisa de obras artísticas voltadas para o entendimento da paisagem e do jardim no ambiente urbano foi um passo essencial para o desenvolvimento dos trabalhos extensionistas com a comunidade, realizados na esfera do projeto. O estudo permitiu uma análise aprofundada das possíveis interações entre arte, natureza e cidade, pois a produção artística oferece ferramentas poderosas para a sensibilização e o engajamento com questões latentes no contexto urbano, já que pode promover a reconexão do indivíduo com o ambiente natural e criar oportunidades para debates sobre sustentabilidade e qualidade de vida no cotidiano das cidades.

No contexto de explorar jardins como sistema de vida, a artista Lícida Vidal desenvolveu uma obra chamada "Terral", uma instalação feita com argila, tecido, composto, cabo sisal, plástico, água e sementes. Os tecidos foram imersos em argila e suspensos formando bolsas. Dentro desses compartimentos, sementes de plantas alimentícias eram irrigadas por um sistema de pulverização, proveniente de uma poça de água e argila no chão. Esses bolsões de vida se desenvolveram ao longo da exposição, em um trabalho que abrange transformações e atravessa diversos ciclos orgânicos, destacando e conectando o sistema entre o humano, a terra, a água, a semente, o broto, a planta e a alimentação.

Figura 1 – Obra de arte "Terral" - Lícida Vidal



Fonte: Originalmente publicado na revista *Desvio*, 20 ago. 2021.

Disponível em: <https://www.dizernao.com.br/licida-vidal> Acesso em: 15 out. 2024.

O espaço do jardim particular é um lugar de cuidado cotidiano e familiar, e nessa dinâmica se cria um vínculo afetivo, um apego, que o torna especial e afeta o corpo positivamente, sendo um importante mecanismo de sustentabilidade. Sendo assim,

[...] o interesse pela pesquisa sistemática dos laços afetivos que as pessoas estabelecem com lugares decorre da percepção do papel que esses laços possuem em contribuir para a definição e a qualificação da identidade pessoal, instaurar o sentido de pertencimento a um lugar e promover a apropriação e o cuidado ambientais (Felippe; Kuhnen, 2012, p. 609).

Ao analisar o crescimento e o fluxo contínuo de circulação urbana, a temporalidade do jardim aparece como um hiato amenizador da dinâmica das grandes cidades, em que o germinar, o crescer e o cultivar têm um tempo próprio da natureza; logo se dedicar ao jardim é se deslocar e adentrar em uma paisagem particular, que não deixa de ser urbana, mas pode ser experienciada como um refúgio, "jardim é paisagem em pequeno" (Assunto *apud* Serrão, 2021, p. 217). O jardim-paisagem pode abrigar plantas alimentícias, ornamentais, ritualísticas e medicinais e com isso desempenhar diversas funções, como a contribuição para a segurança alimentar da família, o escoamento de água, amenizar o calor, receber, alimentar e proteger a fauna local. Pode ainda ser um ambiente de sociabilidade, descanso e interação, além de conservar espécies e saberes tradicionais e populares.

Pensando na experiência de fazer parte da paisagem, encontramos outra iniciativa artística que, além de criar um espaço-jardim, envolve a comunidade de maneira extensionista. O trabalho é o jardim comestível “*Swale*”, idealizado pela artista e ativista estadunidense Mary Mattingly, em 2016, em Nova York. “*Swale*” utiliza o direito marítimo para ser público e poder percorrer alguns portos e marinas da cidade, já que em Nova York é proibido plantar alimentos nas áreas públicas verdes, como parques e canteiros urbanos. O trabalho consistia em uma barca modificada e transformada em um jardim comestível flutuante, que fornecia alimentos frescos e gratuitos para colheita na interseção entre arte e serviço público. Esse trabalho artístico reforçava a água como um bem comum e trabalhava para que os alimentos frescos também fossem um bem coletivo, envolvendo a comunidade de maneira educacional e social, com rodas de conversas e almoços gratuitos.

Figura 2 - Barca “*Swale*”



Fonte: <https://www.swalenyc.org>. Acesso em: 15 out. 2024.

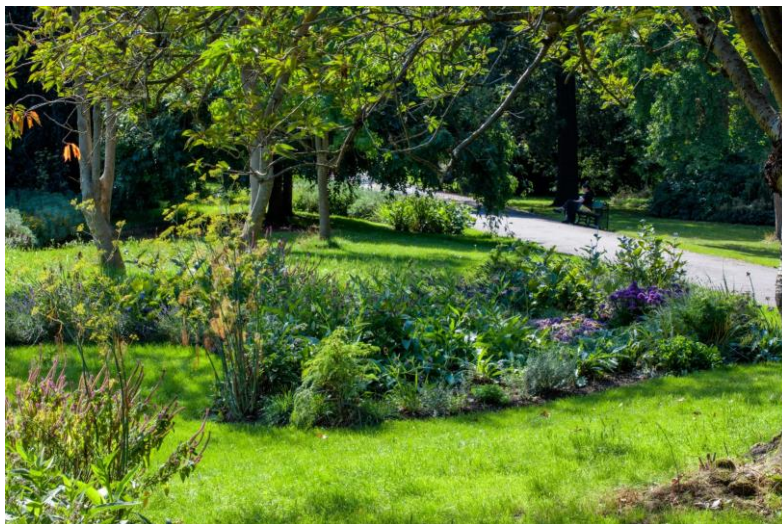
A iniciativa da artista serviu de incentivo para que a população participante fosse estimulada a criar hortas, mesmo que no âmbito individual ou particular. A disponibilização de refeições e ambientes para debate integram as pessoas e apresentam uma gama de assuntos e conhecimentos, como por exemplo a apresentação de algumas plantas desconhecidas, formas diversas de cultivos e receitas, a importância de uma boa alimentação e a valorização da luta pela utilização dos espaços das cidades.

Os saberes sobre manejo das plantas, suas formas de plantio, manutenção, funcionalidades e receitas são diversos, transmitidos e desenvolvidos por gerações, trocados entre vizinhos, entre amigos e entre comunidades. “O conhecimento sobre a natureza se destaca como uma importante dimensão da expressão de uma cultura, pois sintetiza observações

construídas, mantidas e lapidadas historicamente sobre o meio ambiente que a envolve” (Toledo; Bassols, 2008 *apud* Flores, 2018, p. 14). Pensando assim, uma troca de mudas é muito mais que um simples ramo de vida que vai ser plantado em outro lugar, é também uma passagem de conhecimento, de intenção e de afeto, e o fluxo de circulação desse movimento o torna um traço cultural fomentador de uma rede enorme de saberes. “São muitos e milhões de jardins e todos os jardins se falam” (Rosa, 1983, p. 42).

Um exemplo de trabalho artístico que explora a ideia de “diálogo” entre jardins é o “*Pollinator pathmaker*”, de Alexandra Daisy Ginsberg, realizado em 2022, em que a artista criou um jardim perto da Galeria Serpentine, no North flower walk Kensington gardens, em Londres. Com a ajuda de um banco de dados que faz um levantamento sobre as interações entre as plantas e os animais da região, a ideia foi juntar arte com tecnologia e criar um espaço com uma vegetação que atraísse polinizadores. O jardim cresce e se transforma pelas ações da natureza e dos animais, uma escultura viva, que após sua plantação, torna-se independente do cuidado humano. O objetivo da artista é criar uma rede de jardins pelo mundo, já que o algoritmo pode ser acessado por meio de um *site*, o que possibilita que outras pessoas, também, criem jardins polinizadores em diferentes lugares. Essa obra que está em constante expansão e mudança devido a seus diversos participantes humanos, animais e naturais trata o jardim como um ambiente coletivo e um sistema de vida que foge do domínio humano. O trabalho instiga o olhar para a valorização da natureza, assim como o entendimento de que nossa vida e bem-estar dependem e estão atrelados a diversos fluxos terrestres e a outros seres. Estudar as áreas verdes habitadas, coletivas e individuais, mostrou a grande importância desses ambientes como mecanismos de ampliação da qualidade de vida nas cidades, fomentando interações, trocas e relações.

Figura 3 – Obra "*Pollinator pathmaker*" – Alexandra Daisy Ginsberg, 2022



Fonte: <https://www.serpentinegalleries.org/whats-on/alexandra-daisy-ginsberg-pollinator-pathmaker/>. Acesso em: 15 out. 2024.

Outra iniciativa que vale destacar é o "Projeto jardins possíveis", realizado no âmbito da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pela professora Luciana Bragança, com participação de alunos bolsistas e voluntários. A ideia do projeto foi realizar um mapeamento fotográfico, físico e virtual de jardins construídos por moradores de bairros de Belo Horizonte que pertencem à bacia do Ribeirão Arrudas. As fotografias possuem legendas que classificam os jardins com o nome dos seus próprios donos jardineiros; uma escolha que aproxima o jardim do indivíduo e entende esse espaço como uma parte dele, um ambiente de expressão. Outra prática proposta pelos integrantes foi o evento "Café com plantas", que promoveu o diálogo e a conexão entre os lugares e seus cuidadores. Ações interessantes, de reconhecimento da identidade particular de uma determinada região da cidade mostram como o olhar pode ser direcionado para a percepção e valorização desses ambientes: "Plantar como uma forma de existir no mundo" (Projeto [...], 2022).

A ligação entre arte, comunidade e ambiente muito presente nas proposições mencionadas mostra o poder de alcance dos agentes artistas e a potência de suas propostas na possibilidade de criar redes de interação, além de destacar a importância do diálogo entre arte e comunidade como mecanismo humanizador, conscientizador e catalisador de mudanças no contexto das cidades. Ao estudar e se inspirar em produções artísticas, foi possível propor iniciativas extensionistas que dialogassem com as especificidades de cada contexto local, promovendo a valorização da diversidade cultural e incentivando a participação ativa da

comunidade. Desse modo, registrar e criar nos lugares é fazer parte dessas paisagens, e estabelecer laços e relações entre todos os elementos que compõem esses ambientes promove a sustentabilidade.

PROPOSTAS PARA CRIAR PAISAGENS

Ao compreender que a relação que construímos com lugares é composta por diversas camadas, que influenciam não só nossos pensamentos, mas também nosso corpo, sentidos, sentimentos e reações, surgiu a ideia de criar práticas extensionistas que fizessem um paralelo entre arte, sujeito e jardim. A intenção foi visualizar e vivenciar esses conceitos e aproximar distâncias verticais e horizontais, devido ao aumento do número de prédios construídos e habitados nas regiões das cidades e sua pouca quantidade de área verde, e pelas distâncias e dificuldade de acesso entre diferentes pessoas e comunidades que habitam o espaço urbano.

A iniciativa "Brotando laços" surgiu em um Centro Cultural da Prefeitura, no bairro Jardim Guanabara, em Belo Horizonte, após visitarmos e participarmos de um encontro denominado "Troca de saberes", uma ação semanal acolhedora que propõe rodas de conversas, atividades relacionadas ao artesanato e a plantas, para senhoras moradoras do bairro. O que a princípio foi apenas uma conversa sobre o jardim de cada uma se tornou uma troca muito enriquecedora de conhecimentos, presença e afeto.

Os Centros Culturais são lugares públicos que acolhem a comunidade, oferecendo diversas atividades gratuitas, como cortes de cabelo, fisioterapia e aulas de dança, ginástica, desenho; um espaço voltado para a saúde cultural e corporal dos habitantes. No caso do Centro Cultural Jardim Guanabara, o maior público envolvido com o local são senhoras e crianças. Logo, quando começamos a imaginar uma atividade, decidimos que, de alguma forma, gostaríamos de entrelaçar esses dois grupos.

A princípio, marcamos uma visita ao jardim de uma participante da "Troca de saberes". A casa da senhora tinha três seções de jardim, como ela mesma denominou: o jardim da varanda da frente, em que ficavam as plantas que precisavam de mais sol, o jardim do corredor de entrada, para plantas que gostavam de sombra, e o jardim no quintal de trás, que contava com plantas maiores, e canteiros com orquídeas suspensas e pequenas suculentas. A visita ocorreu com muita naturalidade, todas as participantes estavam muito animadas. Na ocasião conversamos sobre plantas, formas de cuidar e plantar, algumas senhoras pediram mudas ou encontraram espécies que haviam presenteado a anfitriã em encontros passados. Foi um momento muito acolhedor que terminou em bolo, suco e diálogos. O jardim manifestou-se

como um espaço de carinho, um lugar que por meio de sua disposição e suas especificidades dizia muito sobre cuidado, união e sobre a própria senhora jardineira.

Uma semana depois, encontramos com as integrantes do grupo, mais uma vez, agora em número maior, no próprio Centro Cultural, onde realizamos a segunda parte da atividade. Organizamos uma grande mesa, e à medida que as senhoras foram chegando com as pequenas partes de seus jardins, mudas e pequenos vasos, colocamos as plantas sobre a bancada e tivemos mais uma conversa sobre esse ambiente. Cada participante falou sobre o seu jardim, tirou dúvidas sobre as plantas e mostrou fotos de seus quintais. Algumas preferiam folhas grandes, outras colocavam plantinhas em pequenos espaços, como janelas e corredores; muitas gostavam de flores, e todas queriam levar para casa a grande quantidade de mudas que estava sobre a mesa. O reconhecimento do espaço verde, como jardim ou quintal foi discutido e ampliado, muitas disseram que mesmo tendo plantas por toda a casa não se sentiam donas de jardins; essa discussão sobre a identidade dos lugares e o reconhecimento dos espaços enquanto variados, múltiplos e únicos, foi interessante para a valorização individual do próprio ambiente natural de cuidado.

Figura 4 – Oficina "Brotando Laços" – Centro Cultural Jardim Guanabara



Fonte: fotografia por Ana Laura Veloso.

Depois da conversa, fizemos uma atividade de pintura em pequenas telas, no formato 10x15cm. Cada senhora escolheu uma planta e a representou a seu modo. Os resultados foram diversos, as participantes que pintavam a mais tempo foram ajudando as outras e foi um momento de distração e experimentação. Ao final, os integrantes do grupo puderam levar as

pinturas e algumas mudas para casa. Uma troca de saberes que dessa vez foi rodeada pela temática do jardim.

Figura 5 – Oficina "Brotando Laços" prática de pintura – Centro Cultural Jardim Guanabara



Fonte: fotografia por Ana Laura Veloso.

Na terceira e última parte da atividade, a ideia foi dar espaço para as crianças do local. No dia seguinte, com as mudas que sobraram da ação de troca e pintura do dia anterior, realizamos uma oficina de plantio, em que as oito crianças presentes aprenderam tanto sobre a anatomia das plantas, quanto sobre como plantá-las e cultivá-las com afeto. Nos canteiros do espaço cultural, criamos um pequeno jardim para as crianças. Após a atividade de plantio, realizamos, também, uma oficina de pintura e colagem, para ilustrar aquele novo espaço que havíamos criado.

Figura 6 – Resultado pintura de participante infantil "Brotando Laços"



Fonte: fotografia por Alice Castro

No final desses três momentos, percebemos que durante esses três dias, a dinâmica do jardim rodeou a atividade de forma muito expressiva, uma temporalidade diferente da cotidiana. Foram momentos de atenção, pautados no perceber e no sentir. Conseguimos ver brotar relações entre as pessoas, o Centro Cultural, as plantas e seus quintais. Realizar o trabalho "Brotando Laços" foi uma forma experimental de conhecermos muito do que eu já havia escrito e lido durante a pesquisa. Visitar, criar e representar jardins, é fazer parte da paisagem, observar e sentir o meio, perceber através da presença. Essa ação mostrou que vivenciar o jardim é uma forma de experienciar espaços e criar memórias.

Nessa perspectiva, de explorar o papel da memória na criação e representação da paisagem surgiu outra proposta extensionista. Em diálogo com o contexto do crescimento e fluxos de populações entre regiões, foi desenvolvida a oficina de cartões postais "Paisagens afetivas", no Curso de Língua Portuguesa para Estrangeiros selecionados pelo Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (Pré-PEC-G), do CEFET-MG, em Belo Horizonte, a convite de uma das professoras do projeto, Natália Moreira Tosatti. A proposição foi desenvolvida com intuito de ser uma atividade pedagógica e criativa que colaborasse com a formação dos participantes imigrantes africanos, que estavam aprendendo a língua portuguesa, para posteriormente, iniciarem seus cursos universitários.

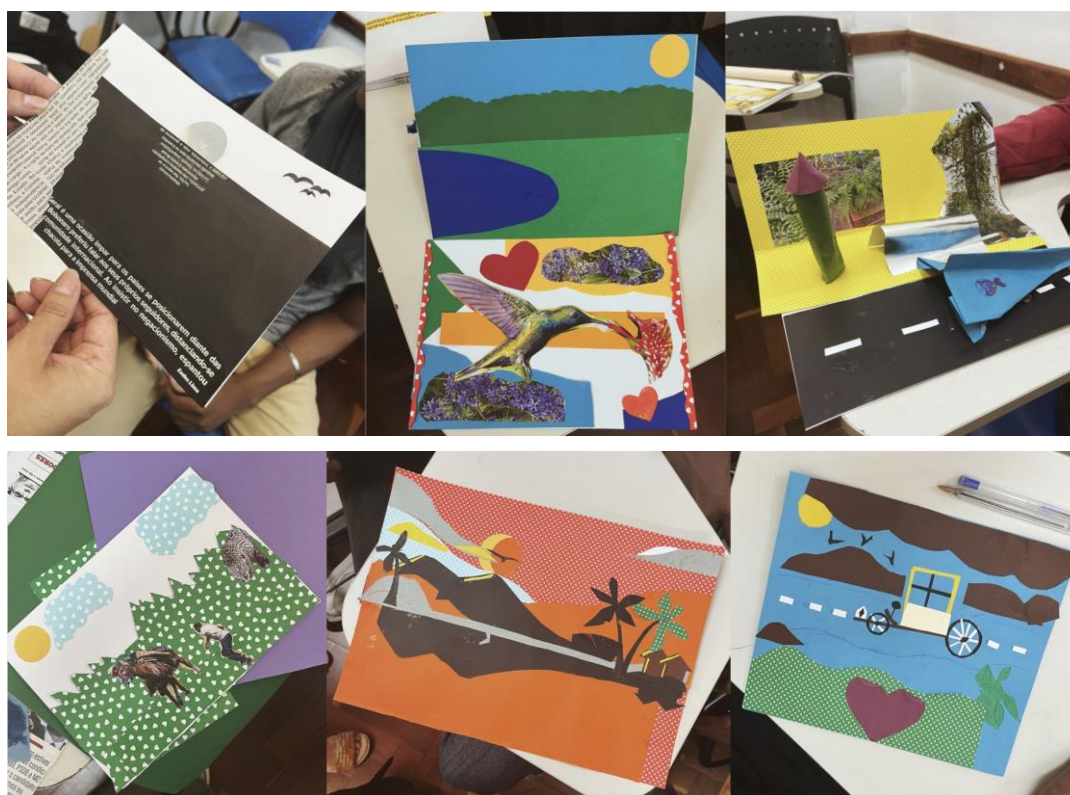
A oficina teve início com a apresentação de referências de artistas que trabalhavam com a técnica da colagem. Em seguida, foram distribuídos materiais como papéis coloridos, revistas, tesoura e cola e os alunos foram convidados a representar, no formato postal, paisagens de seus países de origem que de alguma forma tivessem uma importância individual para cada um deles. A turma ficou muito interessada e envolvida, tivemos um tempo de concentração em que todos produziram um ou dois postais. Entre recortes, cores e desenhos a imaginação e a memória dos participantes foram materializadas, os resultados foram muito especiais. Depois do momento de confecção, fizemos uma análise coletiva, em que cada um apresentou a paisagem retratada, contou histórias, descreveu lugares, sons e sensações. Para finalizar, realizamos a troca desses postais entre a turma.

Foi uma tarde instigante, em que ficamos imersos nessas narrativas que entrelaçam realidade, lembrança, representação e fantasia, o aprendizado foi lúdico e coletivo. A prática da descrição dos postais, além de ser uma forma de desenvolver a língua, foi essencial para que a paisagem criada em colagem percorresse o imaginário de cada pessoa presente na sala.

Compreender e expressar o vínculo que temos com determinados lugares é uma ação que nutre a ideia de sustentabilidade afetiva.

Representar a memória de um ambiente envolve acionar aspectos que ultrapassam a visualidade; é recordar de cheiros, sons, texturas, fatos, pessoas e objetos, fazendo uma junção de fragmentos para criar uma paisagem no papel. Logo, as práticas extensionistas, como método de vivência e troca com a comunidade, assim como complementação da pesquisa surgem como impulsionadoras de criações. Além disso, representam uma forma de aprofundar em conceitos, ideias e realidades, e integram o ambiente acadêmico à população, criando diálogos entre saberes científicos, tradicionais e artísticos.

Figura 7 - Resultados oficina "Paisagens afetivas"



Fonte: fotografias por Alice Castro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa "Miradouro: um olhar para a arte contemporânea no contexto urbano", desenvolvido na Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais, com apoio da FAPEMIG, o desdobramento em extensão aconteceu de forma natural, pela vontade de vivenciar a paisagem como acontecimento, bem como criar,

conhecer e frequentar outras paisagens, por meio de experiências e relações com o outro. Assim, o processo de leitura de textos, a procura e o contato com obras artísticas contemporâneas, que abordam a temática pesquisada, mostraram-se como caminhos essenciais para nortear e guiar a criação das atividades extensionistas realizadas no contexto do projeto. Abordar lugares por meio da arte é uma ação que estimula diversas camadas, como memórias, criatividade, desejos e sensações.

No desenvolvimento das oficinas foi possível observar que as senhoras, crianças e estudantes experienciaram as atividades de forma positiva, o que proporcionou um contato prazeroso com o fazer artístico e com suas lembranças individuais. Nesse sentido, criamos e compartilhamos narrativas diversas, que aproximaram os participantes entre si e entre seus ambientes afetivos.

As práticas extensionistas revelam-se como um poderoso meio para promover não apenas a troca de saberes, mas também o compartilhamento de experiências que enriquecem tanto a comunidade quanto o ambiente acadêmico. Ao fomentar esse intercâmbio, conseguimos transformar a arte em uma ponte que conecta memórias, sensibilidades e histórias de vida, criando um espaço de reflexão e criatividade. As vivências experienciadas durante as atividades não apenas trouxeram um novo olhar sobre as paisagens ao nosso redor, mas também reforçaram laços de pertencimento e identidade. Assim, a relação entre a universidade e a comunidade se fortalece, o que gera um ciclo de aprendizado mútuo que transcende as barreiras do conhecimento formal e amplia o potencial transformador da arte, do ensino, da extensão e da pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARTALINI, Vladimir. Natureza, paisagem e cidade. In: BESSA, Altamiro Sergio Mol (org.). **A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021.
- FELIPPE, M. L.; KUHNEN, A. O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa- ambiente: práticas de pesquisa. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 29, n. 4, p. 609-617, Dec. 2012.
- FLORES, Bruno Calzavara. **Contribuições teóricas sobre quintais: memória biocultural, vinculação afetiva e qualidade de vida**. Universidade Federal do Oeste do Pará. Pró-Reitoria de Pesquisa Pós Graduação e Inovação Tecnológica Centro de formação interdisciplinar programa pós-graduação em sociedade, ambiente e qualidade de vida. Disponível: https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/430/1/Dissertação_Contribuicoesteoricassobrequintais.pdf. Santarém-Pará 2018. Acesso em: 22 set. 2024.

MARQUES, J.G. 2001. **Pescando pescadores**: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica. 2. ed. São Paulo: NUPAUB/USP.

NUNES, N. Casa, praça, jardim e quintal. **Ciência e Trópico**, Recife, v. 22, p. 253-264, 1994.

PROJETO da UFMG mapeia jardins urbanos no leito do Arrudas. Belo Horizonte, 20 abr. 2022. 1 vídeo (3 min.27). Publicado pela TV UFMG. Disponível em: <https://jardinspossiveis.wordpress.com/2022/04/20/tv-ufmg/>. Acesso em: 16 set. 2024.

ROSA, Guimarães. **Jardins e riachinhos**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. Da essência do jardim. In: BESSA, Altamiro Sergio Mol (org.). **A unidade múltipla**: ensaios sobre a paisagem. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021.